



Benjamin e uma nova formação a partir de uma nova forma de ensino da História da Literatura

Benjamin and a New Formation Through a New Form of Teaching Literary History

Rafael Guimarães Tavares Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
gtsilva.rafa@gmail.com

Resumo: Buscando situar o contexto alemão do final do séc. XIX e início do séc. XX, no tocante às práticas de ensino e, mais especificamente, do ensino de literatura, o presente artigo oferece considerações sobre a forma como Walter Benjamin se posiciona nesse debate. Depois de abordar de forma mais geral a produção desse arguto pensador da cultura de seu tempo, a importância fundamental de seu texto *História da literatura e ciência da literatura* [*Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft*], de 1931, assume o primeiro plano da argumentação e oferece o material para que se sugira a radicalidade do projeto benjaminiano. Detectando uma crise cultural profunda em sua época, o estudioso sugere que um posicionamento crítico, apto a articular o passado e o presente, por meio de um estudo envolvendo História da Literatura e Crítica Literária, seria a única forma de potencializar o estudo das Letras, de modo a converter a Literatura em órgão capaz de atuar diretamente sobre a própria História.

Palavras-chave: Walter Benjamin; teoria literária; crítica literária; história literária; educação.

Abstract: Seeking to situate the teaching practices and especially literary teaching practices in the German context of the end of the XIXth century and beginning of the XXth, this article offers considerations on how Walter Benjamin takes a position in this debate. After a more general approach to the intellectual production of this argute thinker of his own culture and time, the fundamental importance of his text *History of literature and science of literature* [*Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft*], from 1931, takes the foreground of the argument and offers material to suggest the radicalness of Benjamin's project. Detecting a deep cultural crisis in his time, he

suggests that a critical position, capable of articulating the past and the present, through a study involving History of Literature and Literary Criticism, would be the only way to strengthen the study of Letters, in order to transform Literature into an *organon* capable of acting directly on History itself.

Keywords: Walter Benjamin; literary theory; literary criticism; literary history; education.

A Europa testemunhou uma profunda crise geral no início do séc. XX, principalmente após os eventos traumáticos representados pela Primeira Guerra Mundial e seus desdobramentos. Por um lado, algumas ciências já haviam colocado em questão muitas das certezas tradicionais do homem europeu, como sua crença no privilégio de que desfrutaria o ser humano enquanto obra-prima de Deus (o que foi desmentido pela teoria do evolucionismo de Darwin), ou na concepção de um arranjo econômico-social segundo os méritos de competidores disputando livremente (o que foi desmascarado pelo materialismo histórico de Marx), ou na ideia de que a razão seria o único motor do processo civilizatório (o que foi desmistificado pela filosofia de Nietzsche e, na sequência, pela psicanálise de Freud). Por outro lado, essa série de desmentidos teóricos encontrou sua contraparte na realidade vivenciada por todos aqueles que se envolveram de uma forma ou de outra nos horrores da guerra entre 1914 e 1918. Ao falar disso, Walter Benjamin comenta:

[N]unca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica da guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 2012a, p. 124).

Na Alemanha, derrotada na guerra, isso representou uma série de consequências profundas não apenas de uma perspectiva subjetiva e político-econômica, mas também institucional e ideológica, levando a um sentimento amplamente disseminado entre as várias classes da sociedade de que uma espécie de crise do espírito estaria em curso e esse quadro se agravou ainda mais após as reviravoltas políticas que culminaram

com a proclamação da República de Weimar. Dentre as consequências desse quadro crítico mais amplo, um alto grau de insatisfação com o modelo tradicional de ensino se difundiu, provocando um debate geral sobre modernização e democratização no processo pedagógico de desenvolvimento da *Bildung* [formação]. Em pouco tempo, as universidades alemãs se viram inundadas de novos estudantes – muitos deles destoando do que era esperado do público tradicionalmente aristocrático do ensino superior nesse país – e os humanistas acadêmicos vieram a ser confrontados com um futuro em que não se apresentavam como detentores automáticos da hegemonia cultural (MARCHAND, 2015, p. 253). Muitos reagiram de modo violento a essas mudanças e o sentimento de crise da cultura se aprofundou ainda mais nos anos seguintes.

Nesse sentido, o livro *O Declínio do Ocidente* de Oswald Spengler, publicado em 1919 e recebido com entusiasmo por intelectuais alemães, ilustra bem a forma como a ideia de crise era por vezes extrapolada, chegando a adquirir tons apocalípticos. Em seu estudo, Spengler propunha a compreensão de culturas como formas orgânicas, e portanto passíveis de envelhecimento, sendo levadas inevitavelmente através de estágios de desenvolvimento, do nascimento à morte, passando pelas fases da juventude, maturidade e senilidade. A cultura ocidental, de acordo com Spengler, havia atingido o estágio final de seu ciclo orgânico, tornando-se com isso rígida, mecânica e artificial. De seu estado de decrepitude senil derivaria, na esfera política, o advento da era das massas e da “civilização” (em oposição à cultura), que o regime republicano viria a encarnar de forma ainda mais conspícua. A crise, de acordo com a perspectiva spengleriana, não arrefeceria, estando antes destinada a se intensificar, visto que o ciclo orgânico de seu desenvolvimento não poderia ser revertido. (HÜBSCHER, 2016, p. 119).

Outras publicações emblemáticas desse período são as obras jurídicas de Carl Schmitt e as considerações políticas de Arthur Moeller van den Bruck.¹ Em todo caso, é preciso situar a obra de Walter

1 Segundo as indicações fornecidas por Giorgio Agamben (2004, p. 83-4), Benjamin conhecia a obra de Schmitt e teria dedicado profundas reflexões a ela. Segundo o estudioso italiano, o diálogo velado entre Schmitt e Benjamin ao longo da década de

Benjamin no interior desse quadro cultural mais amplo, caso se queira compreender a premência de muitas de suas formulações. É certo que a República de Weimar conheceu uma ampla resistência por parte dos setores mais conservadores da *intelligentsia* alemã, ainda que fosse igualmente rechaçada pelos radicais de esquerda, descontentes com o governo apaziguador da socialdemocracia. Vivendo um período em que a atividade cultural desse regime conheceu não apenas sua ascensão e esplendor, mas também seu declínio, com o advento do regime nazista, Benjamin testemunhou a possibilidade de influenciar diretamente no debate cultural e pedagógico então em curso na Alemanha. Muitas de suas reflexões sobre literatura, escritas ao longo da década de 1920 e início da de 1930, devem ser lidas à luz dessa conjuntura sócio histórica. Segundo um importante estudioso de sua obra:

A estratégia que Benjamin perseguiu no embate literário da República de Weimar foi determinada pelo declínio da *intelligentsia* independente que ele frequentemente diagnosticara. Os sintomas dessa crise se deixam observar, por um lado, na crise da arte e do negócio de literatura; por outro, na crise da educação [*Bildung*] e de sua mais importante instituição, a universidade. Nessa linha, Benjamin resenhou entre os anos de 1926 e 1933 importantes publicações literárias recentes, com uma ênfase na França, mas também com um número considerável de seletas publicações acadêmicas. (STEINER, 2004, p. 91-92).²

1920 atravessaria textos como “Zur Kritik der Gewalt” [“Para a crítica da violência”] (BENJAMIN, 2013a [orig. 1921]), *Politische Theologie* [Teologia política] (SCHMITT, 2004 [orig. 1922]) e *Ursprung des deutschen Trauerspiels* [Origem do drama barroco alemão] (BENJAMIN, 2011 [orig. 1928]).

2 Em tradução. No original: „Die Strategie, die Benjamin im Literaturkampf der Weimarer Republik verfolgt, ist durch den von ihm wiederholt diagnostizierten Untergang der freien Intelligenz vorgezeichnet. Die Symptome dieser Krise lassen sich zum einen an der Krise der Kunst und des Literaturbetriebs, zum anderen aber an der Krise der Bildung und ihrer wichtigsten Institution, der Universität, ablesen. Dementsprechend bespricht Benjamin in den Jahren 1926 bis 1933 neben einschlägigen literarischen Neuerscheinungen mit einem Schwerpunkt auf Frankreich auch eine beträchtliche Zahl ausgewählter wissenschaftlicher Publikationen.“ (STEINER, 2004, p. 91-92).

O pensador analisou detidamente o papel e a função do escritor e da literatura nas crises sociais de seu tempo. “Seus textos se apresentam assim como autorreflexões mediadas literariamente, nas quais ele procura, como crítico, certificar-se de sua identidade social” (WITTE, 2017, p. 81). Contudo, muito mais do que apenas emitir sua opinião sobre esse estado de coisas, Benjamin buscava alertar o público intelectual d’*O Mundo Literário* e do caderno cultural do *Jornal de Frankfurt* acerca da situação social da *intelligentsia* de seu tempo: ressaltando a crescente dependência social e econômica dessa classe, Benjamin refutava a tese de Karl Mannheim de que a atividade intelectual se daria de maneira livremente flutuante,³ proclamando com isso a necessidade incontornável de que todo intelectual tomasse sua decisão no tocante à luta de classes (WITTE, 2017, p. 81).

Evidentemente, Benjamin polemizava contra algumas das teorias conservadoras e fascistas da cultura e da sociedade. Tal é seu posicionamento no texto intitulado “Teorias do fascismo alemão”, no qual critica de forma arrasadora a mística da guerra em Ernst Jünger (BENJAMIN, 2012c). Da mesma forma, em seu artigo “Contra uma obra-prima”, o pensador colocava-se contra o escrito programático de Max Kommerell, *O poeta como líder no classicismo alemão* [*Der Dichter als Führer in der deutschen Klassik*], surgido no espírito do círculo de Stefan George (WITTE, 2017, p. 89). Além disso, Benjamin polemizava de forma ainda mais acerba contra intelectuais de esquerda, na medida em que esses lhe pareciam ter “vendido seus conhecimentos para a mera diversão de um público decadente, em vez de colocá-los a serviço da transformação das circunstâncias” (WITTE, 2017, p. 90). Tal tendência culminou no artigo “Melancolia de esquerda”, escrito sobre a obra poética de Kästner, um autor incapaz – segundo a concepção de Benjamin (2012b), já em sua abordagem mais abertamente marxista – de contribuir com o processo social de tomada de decisão, restringindo-se a transformar a luta política em objeto de prazer e artigo de consumo.

3 É interessante notar que a interpretação dada por Jacques Derrida (1984) aos polêmicos escritos de Friedrich Nietzsche intitulados *Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten* [*Sobre o futuro de nossas instituições de educação*] (1872) coincide com esses pontos das críticas de Walter Benjamin, tal como delineadas quase meio século depois. O que é um claro indicativo da permanência de certas estruturas de poder no interior da sociedade alemã de fins do século XIX e início do XX.

No interior dessa problemática, o texto do fragmento intitulado *História da literatura e ciência da literatura* [*Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft*], de 1931, pode receber novas camadas de sentido. Questionando as formas segundo as quais a História da Literatura veio a ser concebida nos estudos universitários da Alemanha, Benjamin faz uma crítica profunda às concepções então vigentes acerca do assunto em sua época e termina por avançar uma ideia radical e bastante contemporânea para as disciplinas relacionadas à Literatura.

Como já notado por um estudioso da obra benjaminiana:

O cerne desse *História da Literatura e Ciência da Literatura* está num desdobramento de uma ideia da educação pela literatura. E este é um de seus empenhos para constituir uma história coletiva dos vencidos para além do plano da memória individual, no caso aqui, para além daquilo que ‘a escola representa como instituição legitimadora e geradora de monumentos de cultura’, como nos lembra muito bem Martha D’Angelo. (LIMA, 2016, p. 55).

Benjamin abre seu texto contestando a ideia de que a história de uma ciência pudesse ser apresentada como um desenvolvimento fechado em si, segundo uma concepção de que seu desenrolar seria autônomo, isolado, independente e destacado de todo o cenário político-intelectual (BENJAMIN, 2016, p. 11). Atentando para a situação cultural de seu momento histórico, o pensador sugere que a ascensão da História da Literatura não se restringiria ao surgimento de “uma disciplina da História [*eine Disziplin der Geschichte*]”, mas seria antes “um momento da História Geral [*ein Moment der allgemeinen Geschichte*]” (BENJAMIN, 2016, p. 13). O pensador parece identificar esse momento com a formação e consolidação dos modernos Estados Nacionais europeus, quando a literatura – de viés nacional, cabe ressaltar – surge como objeto digno de estudo, devido a seu valor como verdadeira fundamentação do espírito e da identidade da Nação. Segundo Benjamin (2016, p. 13), a História da Literatura surge então como “ramo da formação profissional beletrista, uma espécie de Estética Aplicada”, situando-se, “no século XVIII, entre um manual de Estética e um catálogo de livreiros” (BENJAMIN, 2016, p. 13).

Segundo o quadro delineado por Bill Readings (1996), em seu estudo sobre a ascensão e o declínio do modelo moderno de universidade nos países desenvolvidos do Ocidente:

Uma mudança significativa tem lugar no entendimento da cultura ao longo dos séculos dezenove e vinte: trata-se do deslocamento que vai da filosofia para os estudos literários como a principal disciplina encarregada pelo Estado-Nação com a tarefa de refletir sobre a identidade cultural. De filosófica que era, a cultura torna-se literária. Como se há de ver, a invenção da categoria de literatura é o que causa a divisão notada por C. P. Snow entre cultura científica e cultura literária. Pois o literário é oposto ao científico de uma maneira que a filosofia não o é [...]. (READINGS, 1996, p. 70).⁴

Benjamin situa Gervinus nessa corrente epistemológica, identificando-o como o primeiro historiador literário pragmático da Alemanha, com o volume inicial de sua *História da Literatura Nacional Poética dos Alemães* [*Geschichte der poetischen Nationalliteratur der Deutschen*] (1835). Ainda que reconheça certo brilhantismo nessa obra, Benjamin aponta a ingenuidade do procedimento analógico empregado por ela ao projetar a História Mundial sobre a História da Literatura aí delineada, mostrando-se incapaz de “tomar para si a verdadeira relação entre Literatura e História como um problema, e muito menos aquela relação existente entre História e História da Literatura” (BENJAMIN, 2016, p. 15).

Tal incapacidade foi potencializada por autores positivistas de meados do século XIX, como Michael Bernays, Richard Heinzel e Richard Maria Werner, que se dedicavam frequentemente a trabalhos isolados, no intuito de “compilar e conservar [*Sammeln und Hege*l]” (BENJAMIN, 2016, p. 15). Segundo Benjamin, as Histórias da Literatura que foram assim produzidas, para o uso doméstico burguês, se resumiam a panoramas históricos universais, organizados segundo um modelo de exposição cômodo para autores e leitores. A manifestação do positivismo nas ciências históricas veio a ser conhecida com o termo – bastante discutido – de historicismo [*Historismus*], ainda que sua definição

4 Em tradução. No original: “A further significant shift takes place in the understanding of culture through the nineteenth and twentieth centuries: the move from philosophy to literary studies as the major discipline entrusted by the nation-state with the task of reflecting on cultural identity. From being philosophical, culture becomes literary. As we shall see, it is the invention of the category of literature that causes the split C. P. Snow noted between scientific and literary culture. For the literary is opposed to the scientific in a way philosophy is not [...].” (READINGS, 1996, p. 70).

varie consideravelmente de autor para autor.⁵ Aos propósitos do que está no plano de fundo da crítica benjaminiana, importa destacar que essa abordagem epistemológica se revelava absolutamente incapaz de colocar em relação uma interpretação de Literatura com sua concepção de História, na medida em que almejava a manutenção de uma pretensa objetividade científica na manipulação dos resultados de seus estudos.

Apesar de constituir, em essência, uma tradição filosófica, o historicismo se distinguiria da filosofia da história por seu caráter puramente epistemológico, envolvendo apenas reflexões de segunda ordem sobre a história – historiografia, métodos e formas da escrita da história; não constituía uma tradição metafísica, encontrando-se nela ausentes reflexões de primeira ordem sobre as leis, o sentido e os fins da história. (HÜBSCHER, 2016, p. 29).

Como ainda será possível destacar, a proposta de Benjamin parece exigir de toda História da Literatura que seja capaz de se posicionar criticamente com relação à cultura burguesa, a fim de levar a uma tomada de posição no que diz respeito ao processo de formação daquele que se dedique a tal estudo. Obviamente, uma abordagem historicista – na linha do que foi sugerido acima e que se manteve mesmo na História da Literatura concebida por Wilhelm Scherer – não teria as características necessárias para dar conta da tarefa que a concepção benjaminiana de História da Literatura exigia.⁶

O desenvolvimento dessas tendências entre autores do início do século XX conduziu ao “falso universalismo do método histórico-cultural”, tal como veio a ser delineado a partir do conceito de “Ciências da Cultura [*Kulturwissenschaften*]” – cunhado por Rickert e Windelband (BENJAMIN, 2016, p. 19), estudiosos com cuja obra o pensador estava familiarizado desde seus estudos de juventude (STEINER, 2004, p. 26; p. 36). Avançando uma concepção a-histórica de certos “valores [*Werte*]”, esses autores neokantianos deturparam a História, fazendo da pesquisa “um mero ofício amador num culto em que os ‘valores eternos’

5 Para mais detalhes, cf. Beiser (2011); Hübscher (2016, p. 27-32); Leite (2017, p. 250-260; p. 268-276).

6 Nesse sentido, cumpre notar que o advento das Histórias da Literatura de caráter positivista constitui um retrocesso aos olhos de Benjamin (2016, p. 31), quando se lhes compara o trabalho anteriormente praticado pela antiga Germanística dos Irmãos Grimm. Para mais detalhes dessa referência, cf. Steiner (2004, p. 94).

são celebrados segundo um rito sincrético” (BENJAMIN, 2016, p. 19). Nesse contexto, a apropriação de uma palavra como “Poesia [*Dichtung*]” se tornou especialmente importante para que tal concepção de História da Literatura aspirasse a certa amplitude e relevância, reivindicando as “ideias que estimulam a configuração poética” e os “valores espirituais” como objetos de suas considerações (BENJAMIN, 2016, p. 21). Não é surpresa que Benjamin se volte contra essa concepção, comparando-a a um pântano habitado pela “hidra da Estética Acadêmica [*die Hydra der Schulästhetik*] com suas sete cabeças: atividade criadora, empatia, abstração temporal, recriação, convivência, ilusão e fruição artística” (BENJAMIN, 2016, p. 21).⁷

Acusando o utilitarismo dessa apropriação da Poesia por parte de um tratamento que se revela, portanto, falso e enganoso, o pensador sugere que os estudiosos então encarregados de resistir a essas investidas não parecem dispor de treinamento suficiente para dar conta da tarefa. Aludindo aos historiadores da literatura materialistas – dos quais destaca Franz Mehring por sua superioridade –, Benjamin (2016, p. 25) volta a apontar que, se sua abrangência de seus conhecimentos de História Geral e Econômica sugira uma abordagem materialista, o mesmo não pode ser afirmado quando se leva em conta seu método. Operando ainda sob a lógica dos transcendentais kantianos, esses historiadores ativeram-se à “convicção de que ‘os mais nobres bens da nação [*die edelsten Güter der Nation*]’ deveriam manter sua validade sob quaisquer circunstâncias, e antes um bem – no melhor sentido da palavra – conservador do que um subversivo” (BENJAMIN, 2016, p. 25-27).

Depois dessa rajada de acusações, Benjamin finalmente assume um tom mais propositivo, voltando suas considerações para os meios disponíveis ao estudioso de seu tempo que por ventura pretendesse desenvolver uma forma de História da Literatura apta a assumir seu papel ativo na formação [*Bildung*] de uma nova consciência crítica, ou seja, desenvolvendo-se como verdadeiro órgão da História. Segundo ele:

7 Embora Benjamin não cite o nome de Heidegger neste texto, o tratamento que esse filósofo já vinha delineando em torno da questão da Poesia [*Dichtung*] – a partir do que viria a definir como sua Ontologia Fundamental –, certamente seria passível de crítica da perspectiva benjaminiana. Para detalhes sobre o diálogo (ou não) na obra desses dois pensadores, a partir de um possível conceito de passado e uma possível ideia de história, cf. Leite (2017, p. 197-213).

[A] fonte da juventude da História é alimentada pelo Lete. Nada renova tanto quanto o esquecimento. Com a crise da formação intelectual, aumenta o caráter representativo vazio da História da Literatura, o qual vem a lume da forma mais palpável nas muitas representações populares. É sempre o mesmo texto vago que surge ora nesta, ora naquela configuração. Há tempos que sua *performance* nada mais tem de científico, sua função exaure-se em causar, a algumas camadas, a ilusão de participarem dos bens culturais das Belas-Letras. Apenas uma ciência que renuncia a seu caráter museológico está apta a colocar o real no lugar da ilusão. (BENJAMIN, 2016, p. 27).

Tal como sugerido numa nota anterior, Benjamin parece retomar também aqui certas ideias de Nietzsche (ainda que lhes dê uma inflexão característica do materialismo histórico).⁸ Na segunda de suas *Considerações extemporâneas* [*Unzeitgemäße Betrachtungen*], Nietzsche (1954, p. 218) já criticava certos estudos históricos que adotavam de maneira irrefletida um ponto de vista monumental [*monumentalische*] ou antiquário [*antiquarische*] em sua forma de fazer a História. Tais seriam os historiadores interessados em falar do passado como coisa acabada, fechada em si mesma, apartada dos acidentes da história ainda passíveis de advir no presente e no futuro (SILVA, 2017, p. 193-194).⁹ Um posicionamento análogo se dá em Benjamin com a prescrição de uma nova orientação que deve passar a vigorar entre estudiosos da História da Literatura, não mais tão interessados pelo polo produtor das grandes obras literárias, mas sim pela complexa cadeia de produção e recepção das mais diversas formas de escrita. Retomando a frase final da citação anterior, dá-se aqui continuidade à citação que delinea o projeto benjaminiano de História da Literatura:

Apenas uma ciência que renuncia a seu caráter museológico está apta a colocar o real no lugar da ilusão. Isso teria como premissa não apenas a decisão de omitir muitos aspectos, mas também a capacidade de introduzir a prática da História da Literatura conscientemente em um espaço de tempo em que o número dos

8 Para detalhes desse diálogo, muitas vezes às avessas, cf. Steiner (2004, p. 117-118, p. 180-181).

9 Para mais detalhes sobre a atuação de Nietzsche contra o historicismo das *Wissenschaften* do final do século XIX, cf. Hübscher (2016, p. 32-44).

que escrevem – afinal estes não são apenas os literatos e poetas – cresce diariamente, e o interesse técnico pelos assuntos da escrita revela-se muito mais premente que o interesse pela inspiração. A isto, pesquisadores mais novos poderiam fazer jus, e em parte até já iniciaram, através de análises da escrita anônima (p. ex.: a literatura de almanaques e a de colportagem), bem como da Sociologia do público, das agremiações de escritores, do comércio de livros em diversas épocas. Neste caso, todavia, importa muito menos uma renovação do ensino através da pesquisa do que o contrário. Afinal de contas, há uma relação exata entre a crise da formação intelectual e o fato de a História da Literatura ter perdido totalmente de vista sua mais importante tarefa – com a qual iniciara sua vida como ‘Bela Ciência’ –, nomeadamente, a tarefa didática. (BENJAMIN, 2016, p. 27).

Esse trecho riquíssimo de sugestões para todo estudioso da Literatura que se interesse pela possibilidade de atuar de forma crítica em sua realidade social pode ser lido como uma espécie de “teoria da recepção *avant la lettre*”. Ainda assim, seria necessário reconhecer que tal estudo estaria menos voltado para o longo processo de recepção das obras literárias – nos meandros do que seriam seus efeitos sobre os diferentes públicos que as receberam ao longo da história (JAUSS, 1978, p. 43) –, do que para o momento de sua recepção no presente. Conforme uma estudiosa da obra de Benjamin:

Essa é uma ideia que permanecerá como algo fundamental para sua filosofia da história. O que também é expresso em sua – a princípio – surpreendente demanda por uma separação da pesquisa e do ensino no trabalho acadêmico. O ensino deveria estar centrado em torno das mais recentes adições ao cânone que sugerem o que significa ser educado. Mas o valor de seu conteúdo ‘é talvez menos uma questão de renovar o ensino pela pesquisa do que de renovar a pesquisa pelo ensino’. (STEINER, 2004, p. 95).¹⁰

10 Em tradução. No original: „Dies ist ein Gedanke, der für seine Geschichtsphilosophie grundlegend bleiben wird. Er kommt auch in seiner auf den ersten Blick überraschenden Forderung nach einer Trennung von Forschung und Lehre im akademischen Betrieb zum Ausdruck. Ins Zentrum der Lehre sollten solche Gehalte rücken, die gerade erst in den Bildungskreis einrückten. Für sie aber gelte, daß es »vielleicht weniger auf eine Erneuerung des Lehrbetriebs durch die Forschung als vielmehr der Forschung durch den Lehrbetrieb« ankomme.“ (STEINER, 2004, p. 95).

Nesse sentido, Benjamin compreende que a verdadeira tarefa da História da Literatura deveria ser desempenhada em companhia de uma Crítica, fazendo com que o presente se deixe interpenetrar de modo fecundo pelo passado. A solução para a situação de crise que o pensador sugere existir nesse momento histórico em que se constitui uma disciplina dedicada ao estudo da História da Literatura não seria nem como a que é praticada pela Filologia da Escola de Scherer, fechada no passado, nem como a Historiografia Literária do Círculo de Stefan George, antifilológica, a-histórica e atemporal (BENJAMIN, 2016, p. 31-33). Nesse sentido, mais valor teria o exemplo estabelecido pela antiga Germanística, tal como praticada pelos Irmãos Grimm, que, “devido à conduta ascética de indivíduos dotados de natureza investigava”, “serviam diretamente a sua época, investigando, em consonância com esta, o passado” (BENJAMIN, 2016, p. 31). Em outras palavras, Benjamin defende a necessidade de se articular o passado com o presente de forma a tornar possível um posicionamento crítico do estudioso perante a História. Por isso, afirma o seguinte:

Finalmente, a renúncia à pesquisa filológica conduz – também no Círculo de George – àquela pergunta capciosa que mais e mais perturba o trabalho histórico-literário: até que ponto, e se de fato, a Razão pode apreender a obra de arte. Está-se muito distante da percepção de que sua existência no tempo e o fato de ela ser compreendida são apenas dois lados de uma mesma circunstância. (BENJAMIN, 2016, p. 33).

Tal como sugerido anteriormente, essa concepção está em profunda consonância com o que virá a ser a filosofia da história exposta nos trabalhos do final da vida de Benjamin, como nas teses “Sobre o conceito da História” [“Über den Begriff der Geschichte”]. Sugerindo a importância de se compreender tanto o presente quanto o passado, mas não como temporalidades estanques, fechadas em si mesmas e alheias uma à outra, o estudioso propõe uma maneira de articular esses tempos a fim de se precaver contra o perigo de instrumentalizar a História em prol das classes dominantes. Segundo a sexta de suas teses:

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem

do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atíçar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer. (BENJAMIN, 2013b, p. 11-12).

Em seu texto sobre a História da Literatura, o pensador delineia de que modo um programa como esse poderia ser levado a cabo no interior dessa disciplina.¹¹ Atentando para a necessidade de se concentrar – por meio de monografias acerca de obras específicas – na “singularidade radical da forma artística” (STEINER, 2004, p. 95), ele sugere que a compreensão do modo segundo o qual essas obras estariam inseridas na corrente do tempo, chegando até o momento presente, seria uma maneira de converter a Literatura em órgão para um posicionamento crítico perante a História. Nesse sentido, o encerramento de seu texto se dá com as seguintes palavras:

Luta com problemas e formas – isso parece correto. A verdade é que ela [a História da Literatura] deveria lutar sobretudo com as obras. É mister que todo o seu ciclo de vida e sua esfera de atuação apareçam ao lado de sua gênese com direitos iguais e, por que não dizer, de modo preponderante; portanto, seu destino, sua recepção entre os coetâneos, suas traduções, sua fama. Desta forma, a obra se configura, em seu âmago, num microcosmo ou muito mais: um *micro-aión*. Pois, afinal de contas, não se trata de

11 Tal como sugerido no estudo de Lima (2016, p. 48), que acompanha a tradução de Helano Ribeiro do texto de Benjamin (2016) sobre a História da Literatura: “[L]er Benjamin é, principalmente, segundo sua própria lição, ler o que foi escrito com tinta invisível, ler o que nunca foi escrito. E aqui não se trata de entrelinha, lacuna ou espaço em branco, mas muito mais de uma armadilha das imagens do pensamento que armam possibilidades de constelações heterogêneas de sentidos para que, assim, se possa mover outras perspectivas e outras lembranças do presente. A questão é o tempo histórico oscilador e oscilante que se constitui a partir de um encontro dos tempos, numa espécie de colisão de um presente ativo com seus passados reminiscetes.”

apresentar as obras das Letras no contexto de seu tempo, mas no tempo em que elas surgiram, e fazer uma apresentação do tempo que as reconhece, sendo que este é o nosso próprio tempo. Assim a Literatura torna-se um órgãoon da História; e convertê-la nisso – e não as Letras em matéria da História – é a tarefa da História da Literatura. (BENJAMIN, 2016, p. 35).

Com isso, Benjamin conclui seu curto e instigante texto sobre os diferentes modos segundo os quais a História da Literatura foi encarada desde seu surgimento – no século XVIII, como estudo das Belas Letras –, passando por sua apropriação pelo discurso nacionalista de fundamentação da identidade e da cultura dos novos Estados-Nação industrializados, até o momento em que o próprio Benjamin escreve, por volta de 1931. Detectando uma crise cultural profunda em sua época, o autor sugere que um posicionamento crítico – capaz de articular o passado e o presente, por meio de um estudo que envolvesse tanto História da Literatura quanto Crítica Literária – seria a única forma de potencializar o estudo das Letras, de modo a converter a Literatura em órgãoon capaz de atuar diretamente sobre a própria História.

Referências

AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BEISER, F. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; rev. téc. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012a. p. 123-128.

BENJAMIN, W. *História da literatura & ciência da literatura*. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

BENJAMIN, W. Melancolia de esquerda. A propósito do novo livro de poemas de Erich Kästner. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; rev. téc. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012b. p. 77-82.

BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BENJAMIN, W. Para a crítica da violência. In: _____. *Escritos sobre mitos e linguagem (1915-1921)*. Org. Jeanne Marie Gagnebin; trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013a. p. 121-156.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: _____. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b. p. 7-20.

BENJAMIN, W. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea *Guerra e guerreiros*. Editado por Ernst Jünger. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; rev. téc. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012c, p. 63-76.

DERRIDA, J. *otobiographies: l'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Paris: Éditions Galilée, 1984.

HÜBSCHER, B. *Werner Jaeger e o "Terceiro Humanismo": o ideal político antigo na Alemanha, 1914-1936*. 2016. 236f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

JAUSS, H. R. L'histoire de la littérature: un défi à la théorie littéraire. In: _____. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978. p. 23-88.

LEITE, A. B. C. D. *História do passado: da conceitualização tradicional à reconfiguração em Walter Benjamin, Martin Heidegger e Sigmund Freud*. 2017. 392f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, M. R. Ler com Walter Benjamin. In: BENJAMIN, W. *História da literatura & ciência da literatura*. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 30-61.

MARCHAND, S. The Great War and the Classical World: GSA Presidential Address, Kansas City, 2014. *German Studies Review*, Austin, v. 38, n. 2, p. 239-261, 2015.

NIETZSCHE, F. *Unzeitgemäße Betrachtungen*. In: _____. *Werke in drei Bänden*. Band 1. München, 1954. p. 209-287.

READINGS, B. *The University in Ruins*. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1996.

SCHMITT, C. *Politische Theologie: Vier Kapitel zur Lehre von der Souveränität*. Berlin: Duncker & Humblot, 2004.

SILVA, R. G. T. Ópio e memória ou sobre o retorno do esquecimento. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, V. 30, N. 2, p. 186-197, 2017.

STEINER, U. *Walter Benjamin*. Stuttgart; Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2004.

WITTE, B. *Walter Benjamin: uma biografia*. Trad. de Romero Freitas. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Recebido em: 3 de outubro de 2018

Aprovado em: 25 de janeiro de 2019